

# humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA  
MCMLXIX-LXX



o caso, de Colóquios dos Citas: *Tóxaris, O Cita e Anacársis*. O A., depois de historiar as edições antigas de Luciano e de recordar a necessidade de estudar de novo o significado destas conversas imaginadas em ambiente exótico, discute sumariamente a questão da autenticidade do *Tóxaris* e da ordenação cronológica das obras em causa, para depois se ocupar da transmissão manuscrita, cujo processo se encontra estabelecido pelos trabalhos de Rothstein e outros. Na bibliografia, muito breve, notamos a omissão do livro de J. Bompaire, *Lucien écrivain*, Paris, 1958.

Termina com os escólios e um índice de nomes e lugares.

A edição de Licurgo, que vem substituir a de Blass, é reveladora da nova atitude da crítica perante a regularidade de aplicação de certas regras na prosa artística. Por causa do hiato e das cláusulas métricas, Blass tinha alterado em diversos passos a lição dos manuscritos. Conomis regressa à tradição, restaurando, por exemplo, *ἀτῶι* em *Leocr.* 8.25, 1.7, *ἀτῶυ* em *Leocr.* 30.117, 1.5, que tornam a frase mais clara. Como hoje geralmente se reconhece, não há razão para transferir para a oratória de Licurgo a severidade de Isócrates quanto à proscrição do hiato.

Para os fragmentos, o A. colacionou, além dos códices já conhecidos, V e R — nos quais, aliás, não achou nada de novo — e também o manuscrito recém-descoberto na Grécia do léxico de Fócio.

A edição é valorizada com a *Vita*, a *rogatio Stratoclis*, *Leges et decreta a Lycurgo rogata in lapidibus servata*, de *Lycurgi orationibus testimonia* e de *Lycurgi eloquentia iudicia veterum*; e, no final, um *index nominum et rerum memorabilium*.

M. H. R. P.

**Bacchylides. Carmina cum fragmentis** post BRUNONEM SNELL edidit HERVICUS MAEHLER. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Lipsiae in aedibus B. G. Teubneri, 1970. LXIV + 172 pp.

Desde a *editio princeps* de Kenyon, em 1897, as edições críticas de Baquilides têm-se sucedido. Sem falar no comentário, ainda hoje imprescindível, de Jebb, em 1905, lembremos que dentro da própria Coleção Teubneriana houve três impressões assinadas por Blass, uma por Suess e quatro por Snell. A deste último encontrava-se precedida de um prefácio cuja importância não é demais encarecer, pois, além da habitual *recensio* dos manuscritos, contém um estudo sobre o dialecto, a prosódia e a métrica, e ainda uma breve análise de cada poema.

O encargo de renovar a oitava edição esgotada transmitiu-o Snell, juntamente com as suas notas, a H. Maehler, que já em 1968 havia publicado, na coleção *Schriften und Quellen der alten Welt*, na Akademie Verlag de Berlim, o texto com tradução alemã.

Para esta reedição, o A. colacionou os papiros londrinos AOP, dois fragmentos florentinos do Papiro A e dois papiros de Berlim. Como elementos novos, apresenta

o Pap. C dos Pap. Oxy. 32 (publicado por Lobel), o Pap. Flor., que V. Bartoletti descobriu ser da mesma mão que o Pap. Oxy. 2365, e parte do Pap. D (Pap. Berol. 21209), encontrado pelo próprio, além dos principais fragmentos dos escólios dos Pap. B e M. De notar que os elementos citados em segundo e em terceiro lugar são aqui publicados pela primeira vez.

As poucas alterações do prefácio resultam, quase todas, destes acrescentos. A propósito do fr. 63, temos agora a notícia exacta do seu desaparecimento. Surge, como novidade, entre os *dubia*, o fr. 66, que Lloyd-Jones atribuiu ao nosso poeta.

A bibliografia foi actualizada. Alguns artigos recentes (como M. R. Lefkowitz, «Bacchylides' Ode 5: Imitation and Originality», *Harvard Studies in Classical Philology* 73, 1969, 45-96, ou G. W. Pieper, «The prooemium of Bacchylides' Ode 7», *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 10, 1969, 229-234, ou ainda a edição revista da dissertação de H. Krieglger, também de 1969) certamente não foram publicados a tempo de serem incluídos.

As alterações ao texto, conforme somos logo advertidos, foram poucas, facto que não surpreende, pois só com elementos novos de tomo se poderia melhorar o trabalho de Snell. Não se preocupou o A., no entanto, como fizera o seu Mestre, em «não perturbar demasiado os olhos do leitor», assinalando letras incompletas ou apagadas, desde que não oferecesse dúvidas a sua leitura exacta. A nova impressão está feita, pelo contrário, «ad usum editorum». Quem confrontasse, sem saber as datas de publicação respectivas, o texto da Ode III da edição anterior com a actual, julgaria ser esta a mais antiga, pois está muito mais sobrecarregada de sinais diacríticos. E, contudo, se há passos em que se justifica esta precisão, que outra letra poderia faltar, no verso 38, entre *ἔστι* e *χάρις*, senão o *ν* efelquístico do verbo?

Decorre do exposto no prefácio que as novidades se concentram no Ditirambo 24 (onde se insere a parte nova do Pap. D); num dos últimos ditirambos, o actual 28 (o antigo passou a ter o número 29), conhecido graças à parte nova do Pap. C, e que tem o interesse especial de permitir supor que se trata de uma composição sobre Orfeu (cf. B. Snell in *Gnomon* 40, 1968, 122); nos *dubia*, a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> parte do fr. 65, identificadas, como dissemos, pela letra, e ainda o 66, tirado dos *adespota* (924) dos *Poetae Melici Graeci* de Page; e, finalmente, os escólios, dois dos quais estão suficientemente reconstituídos para terem utilidade imediata — do Pap. M, o fr. 7, à Ode V, que explica a alegoria da águia, e do Pap. B que, a propósito do mutiladíssimo carne 23 (modelo, segundo Porfírio, da Ode 15 do Livro I de Horácio), informa, entre outras coisas, que tal composição fora classificada de ditirambo por Aristarco, discordando de Calímaco, que a colocava entre os peanes. O resumo do conteúdo deste escólio fora já dado a conhecer na edição de Snell (p. 50 do prefácio), mas é sem dúvida útil dispor agora da versão original.

Depois dos *testimonia* sobre a biografia e arte de Baquilides, do índice de papiros e do das autoridades antigas, esta edição volta a apresentar um *index vocabulorum*. Ora G. Crönert tinha confeccionado um para a segunda de Snell, este retirara-o da terceira, porque entretanto estava outro em preparação, em volume à parte; mas a lacuna não foi preenchida. É, portanto, mais um elemento a valorizar um trabalho que, já de si, é uma obra indispensável de consulta.